

**“UM CICLO-DE-VIDA”:  
PRÁTICAS DE SUSTENTABILIDADE DO CIRCO DO MATO**

**Graduando:** Mauro Alves Guimarães

**Orientador:** Prof. Dr. Vinícius Lírio

Campo Grande – MS  
Novembro 2015

**“UM CICLO-DE-VIDA”:  
PRÁTICAS DE SUSTENTABILIDADE DO CIRCO DO MATO**

Mauro Alves Guimarães

Artigo Científico apresentado como requisito parcial para obtenção do título de licenciado em Artes Cênicas e Dança no Curso de Graduação em Artes Cênicas e Dança – Licenciatura da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

Campo Grande – MS  
Novembro 2015

## Prólogo

(um dramaturgo lê o texto sentado numa cadeira próxima ao público)

**Dramaturgo:** *Escrevo sob o impacto de uma plateia vazia. Não totalmente, mas o suficiente para provocar dor no estômago. Divulgação razoável nos jornais, site, redes sociais, panfletos e cartazes, que ficaram prontos meio em cima da hora. Só faltou o carro de som dessa vez. “Pode ser que isso tenha afetado”. O horário de verão começara na virada da noite anterior. “Pode ser que isso tenha afetado”. Era dia de jogo, os dois times rivais jogavam, alguns atores até ouviam pelo celular, mas que dia não tem jogo, não é mesmo? “Pode ser que isso tenha afetado”. Era um domingo. Não, não estava chovendo, tinha até lua no céu. “Pode ser que isso tenha afetado”. Perto dali se instalara o famoso “Circo”, onde sua filha estava trabalhando, quase um trabalho escravo, é verdade, com ingressos a módicos 200 e 100 reais, liquidação que se estendia ao mais famoso ainda “tapis rouge”, realmente para ver tudo aquilo estava super barato. “Pode ser que isso tenha afetado”. No resto da cidade rolava uma ocupação, protestando contra um novo desvario do prefeito, que detestava arte, os artistas e talvez até mesmo as pessoas. “Pode ser que isso tenha afetado”.*

*Tudo, absolutamente tudo, nos afeta.*

*A montagem dera bastante trabalho desde cedo, as pessoas nem imaginam o trabalho que o teatro dá, não é mesmo? Montagem de luz, cenário, som, café, lanche, passar pano no chão, mais café, lanche, organizar o bar, sim tinha um bar no final para ver se atraia mais gente, porque, afinal, a cidade era a capital dos botecos. Em cada esquina.*

*Pessoas que conseguiram não ser afetadas por tudo isso foram. Ao todo, juntando com a equipe, o namorado da bilheteira e os técnicos, eram oito. Pedi que as pessoas se sentassem mais perto, porque era um monólogo e não podiam deixar o ator mais sozinho do que já estava.*

*E então o espetáculo começou. Aconteceu aquela comunhão que não possui fórmula. As pessoas se emocionaram, participaram, riram. Ali nas bordas da cidade onde a borda transborda. Poucos viram, ficaram sabendo. Afetados por tantos outros motivos, que não servem de desculpa para aquelas pessoas, que apesar de tudo, continuam fazendo uma arte que interessa a poucos, mas que deve continuar a existir. Como um balão de oxigênio dentro de uma UTI.*

Cida Falabella

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Cleuza A. Guimarães, Marta A. G. de S. Santos, Adriana A. Guimarães, Laila S. Pulchério e Aline D. Duenha, por me incentivarem e insistirem para que eu fizesse a graduação.

A todos os professores e coordenadores que tiveram paciência comigo em especial , Fernandes Ferreira, Flávia Cavalcanti, Gabriela Salvador, Christiane Araújo, Juliana Gurgel, Samira Lancillotti, Marcus Villa Góis, Marcos Bessa, Vinícius Lírio, Dora de Andrade, Enilda Fernandes, Ednéia, Júlio e Paulo Edyr.

A todos os colegas de turma em especial a Daynara Loubet, Leandro Feliciano e Paulo Preché pelas cópias que nos salvaram em muitas ocasiões.

Ao grupo de estudos composto por Daynara, Zenildo e Leonardo Calixto.

Tauanne Gazoso pela dupla de estágio e pela paciência.

Ao meu orientador Vinícius Lírio pela paciência e dedicação e por acreditar nas minhas ideias.

A Luciana Pacheco pela leitura do trabalho e auxílio em alguns momentos em que não conseguia colocar minhas ideias em palavras.

A Luciana Kreutzer que fez a leitura do prólogo em minha defesa e Catarina Guerchi que veio de tão longe para este momento.

As pessoas que participaram direta ou indiretamente do campo de pesquisa – Circo do Mato e aos grupos parceiros e seus integrantes que *comem da mesma poeira que nós*: Flor e Espinho Teatro, Teatral Grupo de Risco, Imaginário Maracangalha, Grupo Casa, Mercado Cênico, Grupo Palco, Trupe Arte e Vida e Cia Dançurbana.

Ao Circo do Mato que dá significado a esse trabalho servindo de base para este estudo.

## “UM CICLO-DE-VIDA”:

### PRÁTICAS DE SUSTENTABILIDADE DO CIRCO DO MATO

Mauro Alves Guimarães<sup>1</sup>

Orientador: Prof. Dr. Vinícius Lírio<sup>2</sup>

#### Resumo

Este artigo aborda as ações de sustentabilidade artística de um grupo de Artes Cênicas de Campo Grande – MS, chamado Circo do Mato. Abordaremos este tema partindo da necessidade de se compreender esta sustentabilidade artística no grupo, e, usando como exemplo este caso também estaremos contribuindo com outros grupos de teatro, circo e/ou dança que tenham os mesmos desafios. Para o desenvolvimento desta pesquisa usaremos a metodologia do estudo de caso etnográfico, partindo das minhas experiências práticas com o grupo e também de entrevistas semi-estruturadas realizadas com integrantes e ex-integrantes.

**Palavras-chave:** Teatro. Circo. Sustentabilidade. Circo do Mato.

#### 1 - Introdução

Este estudo surge da necessidade de compreender as práticas de sustentabilidade em artes, desenvolvidas pelo Circo do Mato, grupo que atua com teatro e circo na cidade de Campo Grande-MS. Como universo desta pesquisa, usaremos o próprio grupo.

A escolha se deu por dois motivos: primeiro, por se tratar de um grupo que tem 11 anos de atividades ininterruptas no estado, e que sempre buscou trabalhar com a mesma equipe. O Grupo conta com nove integrantes atualmente, tem cinco espetáculos em seu repertório, já se apresentou em sete países da América do Sul,

---

<sup>1</sup> Acadêmico de Artes Cênicas e Dança da UEMS.

<sup>2</sup> Professor Graduado em Licenciatura em Teatro, Mestre e Doutor em Artes Cênicas pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) e Professor Adjunto do Curso de Artes Cênicas e Dança da UEMS.

mantém uma sede desde sua fundação e já desenvolveu diversas ações de sustentabilidade, entre as quais se destacam: “Palhaços na Fronteira”, “Uma Praça, uma Igreja e O Palhaço no ½ da Rua”, 5 edições da “PANTALHAÇOS Mostra de Palhaços do Pantanal”, “Circo do Mato em Ação”, “Circo do Mato 10 anos em Ação”, “Circo do Mato na Terra do Pé de Cedro”, “Entorno do Centro”, “Tem Um Pé de Circo no Pantanal”, “Escambo Cultural”, entre outros. A segunda razão de escolha do grupo é porque faço parte do mesmo, pelo desejo de trazer a reflexão e discussão a respeito do ciclo de vida dos grupos e pelo fato de hoje, não conseguirmos manter ações de sustentabilidade, as quais serão explicitadas posteriormente.

Para dar início ao estudo, usaremos como exemplo a perspectiva que permeia a experiência da Cia. Teatral ManiCômicos, que têm 15 anos de trabalho contínuo. Assim, acerca do significado da sustentabilidade em arte, Pereira<sup>3</sup> (2013, p. 73) provoca:

No encontro com artistas e pensadores, a reflexão se estende, se aprofunda. Na volta, tento organizar a síntese: nesse momento da história do grupo, pensar na sustentabilidade provoca a reflexão sobre quem somos e o que queremos. Sustentar o que? Não é uma crise, mas uma urgência em respirar, refletir, conversar.

Tal questionamento, “sustentar o que?”, nos leva a pensar em todos os fatores que sustentam um grupo artístico e dentre eles, destaco as relações interpessoais, os processos criativos e o sustento econômico e material.

Faremos uma análise das ações do grupo, nos últimos onze anos tentando encontrar as lacunas, desejos e sonhos que se perderam com o decorrer dos anos, a fim de nos reencontrarmos enquanto artistas, sonhadores e pessoas que lutam por seus ideais e pela manutenção de suas pesquisas e atividades artísticas.

Para isto usaremos uma linha metodológica de pesquisa o estudo de caso etnográfico, partindo das minhas experiências práticas com o grupo e também de entrevistas semi-estruturadas realizadas com integrantes e ex-integrantes do mesmo. A escolha da metodologia se deu por trabalharmos em grupo e a etnografia ser inerente a aspectos da antropologia cultural, que estuda os processos da

---

<sup>3</sup> Juliano Pereira é ator e diretor da associação Cultural ManiCômicos – Arte por Toda Parte (S.J Del Rei/ MG). Formado em Artes Cênicas pela Universidade de São Paulo.

interação social de um povo, tais como comportamento, técnicas, habilidades e conhecimentos entre outros (Fortin, 2009).

Por estudo de caso etnográfico Marília Carvalho (1999, p. 99) afirma:

[...] estudo de caso se inspira na etnografia, almejando uma “descrição analítica” (Rockwell, 1987), isto é, uma descrição que, a partir do ir e vir constante entre observações e reflexão teórica, seja capaz de reordenar e reconceituar o objeto de estudo, tornando visíveis reações e significados antes opacos.

Pretendemos com este estudo, dar visibilidade ao conceito de sustentabilidade do Circo do Mato, baseando as análises, nas ações do grupo, como apontado anteriormente. É importante esclarecer que faço parte do grupo e neste sentido, o estudo visa aliar a inquietação em entender os significados partindo de dentro, da visão local e particular e, ao mesmo tempo, busca o significado das ações em suas dimensões políticas, históricas e materiais. (Carvalho 1999)

## **2 - Sustentabilidade em Teatro**

Compreendendo o quanto o tema sustentabilidade é importante para as artes brasileiras, neste caso as Cênicas, em 2013, o Grupo Galpão<sup>4</sup>, de Belo Horizonte – MG, em comemoração aos 15 anos do espaço Galpão Cine Horto<sup>5</sup>, promoveu o “III Seminário Subtexto em Diálogo – Teatro em MG: Educação & Sustentabilidade”. O evento ocorreu durante 4 dias e teve palestrantes e debatedores de diversas partes do país, além de representantes da Secretária de Estado da Cultura de MG, da Universidade Federal de Minas Gerais, do Ministério da Educação - MEC, do Ministério da Cultura - MINC e representantes de grupos teatrais de 8 macro regiões de Minas Gerais.

---

<sup>4</sup> O Grupo Galpão é uma companhia de teatro originária do teatro de rua de Belo Horizonte. Fundado em 1982 por Teuda Bara, Eduardo Moreira, Wanda Fernandes e Antônio Edson, teve sua primeira peça, *E a Noiva Não Quer Casar*, encenada na Praça Sete de Setembro, área central da capital mineira. Hoje, o grupo é uma das principais referências de organização e sustentabilidade do teatro no país e tem suas sedes fixadas em Belo Horizonte – MG.

<sup>5</sup> O Galpão Cine Horto é o centro cultural criado pelo Grupo Galpão na cidade de Belo Horizonte. Desde sua fundação, em 1998, é um espaço aberto à comunidade, comprometido com a pesquisa, a formação, o fomento e o estímulo à criação em teatro

Nesse evento, houve ainda, ações abertas ao público e outras restritas para convidados e inscritos, os chamados grupos de trabalho. Eu tive acesso a ele através da revista *Sub-Texto* que teve uma edição exclusiva de 15 anos do Galpão Cine Horto, dedicada ao mesmo, e partindo dos conceitos discutidos pude conhecer outras formas de sustentabilidades em arte, além da mercadológica, que visa apenas ao financiamento. Entre tantos significados para palavra tema deste artigo, destaco a visão de Viviane da Soledade<sup>6</sup> (2013, p. 17), para quem

Sustentabilidade é um conceito muito utilizado para a reflexão sobre o controle de recursos esgotáveis no Meio Ambiente. Influenciada por esse conceito tão impregnado de uma preocupação com a escassez, **imbui-me da urgência e da necessidade de novas possibilidades para criação e manutenção da produção artística, de tal maneira que a criatividade e a possibilidade de subversão artística não sejam minadas por uma indústria cultural.** Talvez a noção de sustentabilidade seja mais coerente ao pensarmos em produção artística, ao invés de produção cultural, pois a Cultura possui o seu fluxo independente de uma necessidade de viabilização. É característica da Cultura a condição de mudança e consolidação. Já a Arte precisa de recursos sustentáveis para a realização do seu ciclo de criação, produção, difusão e recepção. Pensar em sustentabilidade na Arte é pensar em ações que torne sustentável, por isso visível. (grifo meu)

Se pensarmos na sustentabilidade como forma de tornar visível a produção artística, como sugere Soledade (2013), perceberemos que esta estará ligada, na maior parte das vezes, a financiamentos públicos ou privados para continuidade, manutenção e concretização das atividades, não como único meio, mas como uma das principais formas, já que pouquíssimos ou quase nenhum trabalho cênico consegue se sustentar apenas da bilheteria ou do “chapéu”.

Na visão do professor e pesquisador José Márcio Barros<sup>7</sup> (2013), o desgaste desta sustentabilidade se dá também pelas formas governamentais de repasse de recursos destinados à cultura por meio das leis de incentivo fiscal, isso impulsionado

---

<sup>6</sup> Viviane da Soledade é atriz formada pela Casa das Laranjeiras (CAL), Bacharel em Teoria do Teatro pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), pós-graduada em Arte e Cultura pela Universidade Candido Mendes (UCAM) e mestranda em Bens Culturais e Projetos Sociais pela Fundação Getúlio Vargas (FGV). Assessora Técnica em Artes Cênicas da Gerencia de Cultura da Escola SESC de Ensino Médio e coordenadora do Projeto Social (RJ).

<sup>7</sup> Jose Márcio de Barros é Professor e Pesquisador da UEMG e PUC Minas. Coordenador do Observatório da Diversidade Cultural.



pelo não comprometimento das formas de desenvolvimento das condições humanas. Diante disso, para Barros (2013, p. 84-85),

de forma genérica, é possível dizer que Sustentável é aquilo que promove as condições de continuidade. Na maioria das vezes, o termo está associado a questões ambientais e as questões orçamentárias. Sustentável ora é tomado como aquilo que não dá prejuízo financeiro. Tais concepções são, contudo, insuficientes e, muitas vezes, redutoras. Mesmo assim, em ambas encontramos uma mesma perspectiva: **sustentabilidade como um modelo de articulação renovável entre meios e fins, um “ciclo - de - vida” que tende ao equilíbrio** [...] Arriscaria dizer, que sustentável no campo da cultura, é aquilo que resulta de uma cultura da sustentabilidade. É a forma como adotamos, no campo da cultura, os princípios básicos desse conceito, e a maneira como, assim fazendo, contribuimos para a manutenção da condição. (Grifo nosso)

A questão “Ciclo de vida”, ciclo de continuidade que talvez no campo das artes e, principalmente, no teatro é o que mais se busca: continuar trabalhando, continuar existindo, continuar uma profissão. Mas como? Quais os meios, os caminhos a se trilhar para continuar exercendo esta profissão e manter um trabalho contínuo em grupo?

Com o passar do tempo, pensando em formas, meios e caminhos, nós, do Circo do Mato, criamos projetos, os quais, segundo Laila Pulchério, produtora executiva e cofundadora do Circo do Mato,

*[...] todos os projetos, apresentações e intervenções artísticas realizados pelo Circo do Mato visam também a sustentabilidade do grupo, a partir do momento que uma porcentagem de toda renda dos trabalhos fica para o grupo, um caixa à parte para cobrir despesas. Assim como uma empresa, necessitamos de recursos para manter a sede; despesas de luz, água, telefone, contador, aluguel, combustível, gráfica, impostos e a manutenção da própria sede, material cênico, figurinos, objetos e aparelhos, livros e vídeos, entre outros. Pensar de forma empresarial nesse quesito administrativo é essencial para a sustentabilidade do grupo, caso contrário, não teríamos outra forma de subsistir.<sup>8</sup>*

Pensado em arte e em criação de trabalhos e produtos artísticos, esta questão “empresarial” é bastante complexa, pois uma esta diretamente ligada a outra, então temos que tomar cuidado para articular até que ponto uma pode interferir na outra. É fundamental pensar formas de trabalhar a gestão do grupo, mas temos que tomar cuidado para não perder o que nos move, nossos anseios e

---

<sup>8</sup> Trecho de entrevista concedida a mim por Laila Pulchério, no dia 20 de setembro de 2015.

vontades, em prol das exigências de mercado. Isso, para não correr o risco de nos transformarmos em uma empresa cujo o contratante rege o que venha ser a obra artística.

Mesmo que, para isso, precisemos, de tempos em tempos, rever nossos objetivos, ver para onde estamos caminhando e se não estamos perdendo nossos objetivos passados.

Estamos cientes de que podemos mudar de objetivos no percurso, pois precisamos suprir, além de nossa sustentabilidade financeira, também avaliar as necessidades subjetivas e ideológicas que movem o grupo a continuar criando.

### **3 - Ações que geram sustentabilidade no Circo do Mato**

Pensando em sustentabilidade como “ciclo-de-vida” que tende ao equilíbrio, como sugere Barros (2013), consideraremos agora algumas das práticas realizadas pelo Circo do Mato.

Nos últimos 11 anos, o Circo do Mato produziu os seguintes espetáculos: *O Circo do Pé de Árvore*, em 2004, com direção de Anderson Bernardes; *O Palhaço no ½ da Rua*, em 2007, com direção coletiva do grupo; *Encruzilhada o Último Cabaré*, em 2009, com direção de Larissa Câmara; *Os Corcundas*, em 2011, com direção de Breno Moroni; *Navalha na Carne*, em 2013, com direção de Leandro Mello; *Um Pé de Circo*, em 2013, com direção coletiva do grupo; além da *Pantalhaços*<sup>9</sup>, que está em sua quinta edição e surge de uma necessidade do Circo do Mato e do Grupo Flor e Espinho Teatro<sup>10</sup> de discutir e aprimorar seus trabalhos voltados para Comicidade e Palhaçaria.

Consideramos a *Pantalhaços* uma ação importante como exemplo de sustentabilidade do grupo, no que diz respeito ao campo de atuação, conhecimento

---

<sup>9</sup> Mostra de Palhaços do Pantanal. Evento realizado pelo Circo do Mato em parceria com Flor e Espinho Teatro. Tem como objetivo fomentar, difundir e incentivar a arte do Palhaço ou Palhaçaria.

<sup>10</sup> Importante grupo de teatro e circo de Campo Grande, que se destaca na política e nas ações artísticas do estado, entre elas, destacam-se 5 edições do Festival de Teatro de Campo Grande (FESTCAMP), considerado o festival de melhor retorno e visibilidade para os artistas locais do Estado de Mato Grosso do Sul, pela qualidade dos espetáculos, as oficinas ofertadas e a qualidade que agregava a classe.

interlocução e formação artística. Desde a primeira edição até a quinta, foram realizadas as seguintes ações: nove oficinas direcionadas para a arte do Palhaço com mestres locais, nacionais e internacionais; seis mesas de debate com temas variados voltados para arte do Palhaço com artistas de diversos estados e países da América do Sul, além de críticos, representantes das Fundações Municipais, Estaduais e Federais e trinta e oito espetáculos, todas as ações da Mostra são oferecidas de forma gratuita a população e a classe artística que se qualifica através das oficinas, mesas e intercâmbios. Mas mesmo com toda gratuidade, o chapéu, como forma de contribuição e sustentabilidade para a Mostra, esteve presente ao final dos espetáculos.

Tudo isto sem deixar de pontuar a qualidade dos espetáculos, mesas e oficinas, como destaca Laila Pulchério

*[...] através da “Pantalhaços: Mostra de Palhaços do Pantanal” realizada em parceria com o Flor e Espinho Teatro, conseguimos promover uma das ações que considero mais eficientes para a classe artística, porque além de excelentes espetáculos oferecidos ao público, priorizamos em todas as edições, oficinas de palhaçaria com renomados artistas do país e também de outros países; o que seria pouco provável de acontecer de forma independente. Pensamos na dificuldade que os próprios grupos promotores da Mostra tem de se qualificar nessa área, trazendo duas ou três oficinas conseguimos promover a formação a artistas do estado de Mato Grosso do Sul<sup>11</sup>.*

No quesito formação, quando realizamos a primeira edição da Mostra, tínhamos no estado três espetáculos de Palhaçaria e, no término da quinta edição, já contávamos com dezesseis espetáculos. Provando, assim, que as ações da Pantalhaços não beneficiaram apenas os dois grupos promotores do evento, mas toda a classe de teatro e circo do estado, assim como, o próprio público que, com o passar das edições, foram se filiando ao projeto e ampliando de edição para edição.

Agora, partindo de um entendimento do grupo de sustentabilidade a partir de seus espetáculos como forte produto para comercialização e sustento financeiro dos seus integrantes, o Circo do Mato desenvolveu as seguintes ações: *Palhaços na Fronteira, Uma Praça uma Igreja e O Palhaço no ½ da Rua, Circo do Mato na Terra do Pé de Cedro, Entorno do Centro, Tem Um Pé de Circo no Pantanal*, todas

---

<sup>11</sup> Trecho de entrevista concedida a mim por Laila Pulchério, no dia 20 de setembro de 2015.

voltadas para circulação e apreciação de seus espetáculos em cidades do interior do estado de Mato Grosso do Sul. Entre elas, destacam-se: cidades ribeirinhas, vilarejos e povoados do Pantanal, pequenas cidades com menos de 10 mil habitantes, cidades e distritos próximos à capital, Campo Grande, que normalmente são excluídas por proximidade ao grande centro, e cidades de risco<sup>12</sup> na fronteira Brasil x Paraguai (Coronel Sapucaia, Ponta Porã, Antonio João, Bela Vista, Aral Moreira, Japorã, Laguna Carapã).

Como nos mostra Aline Duenha, atriz, circense e cofundadora do Circo do Mato:

*[...] esses projetos foram importantes por que proporcionaram viagens e um maior convívio entre os integrantes do grupo. Levar o trabalho em lugares que não costumam receber espetáculos e oficinas é sempre gratificante. Mas sempre esbarramos nas dificuldades logísticas e na falta de apoio das políticas locais (prefeituras e secretarias). É necessário que exista uma rede de apoio para que as ações ocorram da melhor maneira. **Ainda assim, tivemos ótimas experiências que nos renderam lindos momentos. Gratificantes, edificantes e de superação. Isso também pode auxiliar na sustentabilidade de um grupo***<sup>13</sup>. (grifo meu)

Além da sustentabilidade financeira, estas ações nos deram possibilidades de nos conhecermos melhor como grupo, potencializar as individualidades de cada um, somar e dividir conhecimentos. Normalmente, nestas cidades, tivemos um bom público, talvez pela carência de espetáculos e, em alguns casos, nenhum produto artístico chegar até eles, pois as poucas ações de circulação de espetáculos ou eventos, realizados pelo governo do estado de Mato Grosso do Sul, estão normalmente ligadas ao agronegócio ou turismo, e o poder público opta por realizar suas atividades em cidades com boa estrutura física e que atraia turistas e investimentos para as mesmas, a citar: Corumbá, Bonito, Maracajú, São Gabriel do Oeste entre outras.

Para que estas ações se concretizassem, o Circo do Mato trabalhou com financiamentos do Governo do Estado de Mato Grosso do Sul, através do Fundo Estadual de Incentivo a Cultura (FIC), dos Prêmios Carequinha de Estímulo ao

---

<sup>12</sup> As cidades que fazem fronteira entre Brasil e Paraguai, são usadas como rota do narcotráfico, por isso são consideradas “cidades de risco”.

<sup>13</sup> Trecho de entrevista concedida a mim por Aline Duenha no dia 30 de setembro 2015.

Circo, Artes Cênicas nas Ruas e Micro Projetos da Região do Pantanal, todos da Fundação Nacional de Artes (FUNARTE) e do Ministério da Cultura (MinC).

Importante lembrar que estes financiamentos e prêmios, foram adquiridos através da submissão de projetos do grupo a editais públicos e teve ampla concorrência a nível estadual e federal, também contamos com a contrapartida de algumas das cidades que receberam os espetáculos, hora através de hospedagem, outras de alimentação e, em sua maioria, com divulgação.

Os espetáculos apresentados nos projetos citados acima fazem parte do histórico de pesquisa do grupo que buscam mesclar teatro e circo (ou circo e teatro), da forma mais orgânica possível, também buscamos em nossas montagens, trabalhar com diretores convidados e reaproveitar o máximo possível dos recursos matérias que já temos em mãos, seja de outras montagens ou processos que já saíram do repertório do grupo, criando assim, também, outras formas de sustentabilidade. Como nos mostra Arce Correa<sup>14</sup>, ex- integrante do grupo:

*Uma questão me chama atenção no que diz respeito a sustentabilidade dentro deste grupo, que é o cuidado com os recursos matérias. Os figurinos, adereços e cenários são cautelosamente guardados e preservados. Também quando há criação de novos trabalhos é sempre requisito a reutilização de matérias e recursos. A garantia de condições básicas de trabalho para os integrantes também é pressuposto do grupo. **Com poucos recursos financeiros provenientes de patrocínio, apoios ou subsídios públicos, o grupo se desenvolve tendo como premissa a criatividade e capacidade de reinvenção para driblar as dificuldades de continuidade e crescimento.** Aliando tudo isso à vontade de se desenvolver no campo artístico o Circo do Mato traz consigo a marca da diversidade cultural e artística em seus trabalhos que sempre apresentam novos elementos cênicos como tentativa inovar e crescer enquanto grupo, artistas e seres humanos<sup>15</sup> (grifo meu)*

No que diz respeito a “*criatividade e capacidade de reinvenção para driblar as dificuldades de continuidade e crescimento*”, comentados por Arce, como uma das formas de pensar sustentabilidade, vou exemplificar uma das ações vivenciadas por nós: no final de 2009, o carro chefe do grupo era o espetáculo “Encruzilhada o Último Cabaré”. O espetáculo contava com cinco atores circences em cena, e de

---

<sup>14</sup> Arce Correa é Ator e Bailarino, ex integrante do Circo do Mato e Acadêmico de Artes Cênicas da Escola de Arte Dramática ECA/USP e da Faculdade de Teatro da Universidade Anhembi Morumbi.

<sup>15</sup> Entrevista concedida a mim por Arce Correa, ex- integrante do Circo do Mato, no dia 30 de Outubro 2015.

repente dois deles resolveram seguir outros rumos profissionais e mudaram de cidade. Assim, o grupo se viu em meio a uma nova encruzilhada que seria: de substituir o elenco do espetáculo já montado ou criar algo novo? Porém, não havia recursos para tais ações. Era preciso se reinventar. Então, a partir de uma oficina da PANTALHAÇOS, com Breno Moroni<sup>16</sup>, surgiu a possibilidade de montar outro espetáculo: “OS Corcundas”<sup>17</sup>. Espetáculo este, que montamos com 340,00 reais de investimento, em 17 dias intensos. Em um ano o espetáculo nos rendeu um retorno financeiro de, aproximadamente, 30 mil reais, além de muita troca de conhecimento com o autor e diretor Breno Moroni, e da satisfação em estar em cena contando a linda estória de encontro de dois corcundas chamados Iba e Dão.

Já sobre o produto final, peça ou espetáculo, normalmente temos uma boa recepção e um bom relacionamento entre a obra e o público, independente da nacionalidade, classe social ou gênero, criando assim, um diálogo com o espectador e, também, com os municípios por onde passamos, deixando sempre uma abertura para um possível retorno.

Após as apresentações, seja no interior ou na capital, sempre que possível, passávamos o chapéu e deixávamos claro que o investimento público, quando há, paga apenas parte da produção, nunca 100% dela, desta forma também conscientizamos o público e provocamos a ter responsabilidade com a sustentabilidade dos trabalhos apresentados.

Além disso, deixávamos claro os papéis de cada esfera do poder público Municipal, Estadual e Federal, para que eles possam exercer sua cidadania, cobrando de cada um, suas responsabilidades e compartilhando, que o que estava ocorrendo ali, no caso, o espetáculo. Explicitamos que o trabalho apresentado não é algo dado gratuitamente ou uma espécie de agrado ofertado pelos nossos representantes governamentais, mas sim, um direito da população que paga seus impostos, de modo que parte deles precisa voltar, também, em forma de investimentos culturais, arte e lazer.

---

<sup>16</sup> Ator, Diretor, Dramaturgo, Faquir, Comedor de Fogo, Palhaço, Mímico, Anarquista, Dublê, Artista e Cidadão do mundo.

<sup>17</sup> Uma pantomima circense medieval.

A estratégia utilizada pelo Circo do Mato, em ações similares, também podem ser encontradas em São João Del Rei - MG, como relata o diretor e fundador da Cia. Teatral ManiCômicos, Juliano Pereira (2013, p.73), ao revelar que

[...] a decisão era: ao invés de ir para o centro da cidade de São Paulo e provavelmente seguir a lógica do nenhum dinheiro no bolso e quase nenhum público, fomos para a periferia da zona sul da cidade, onde também não tínhamos nenhum dinheiro, mas tínhamos muito público. E fomos para as praças, escolas, parques, ruas, centros comunitários, favelas. Apesar da simplicidade do texto e da montagem, que queríamos que coubesse em qualquer lugar, queríamos um encontro social, político, lúdico e estético.

O grupo nos últimos anos desenvolveu diversas ações em pequenas cidades e locais de pouco acesso à arte, com isso além de dar possibilidades ao público do interior de apreciar os espetáculos, criamos formas de amadurecer e melhorar nossas práticas artísticas. Também buscamos ações de proximidade com o público através de nossa sede, a fim de conhecerem o trabalho que desenvolvemos ali, e possivelmente, tornarem-se investidores da cultura local.

A sede do Circo do Mato situa-se na Rua Tonico de Carvalho, n. 283, no bairro Amambaí, em Campo Grande – MS, desde 2006. Quando procuramos este espaço, queríamos um local pequeno e não muito distante do centro da cidade, pois vínhamos de um espaço anterior, na rua Sete de Setembro, que era muito grande e de ótima localização, o que fazia com que os valores cobrados de IPTU e aluguel fossem muito altos. Além disso, por estar no centro da cidade, tínhamos muita interferência sonora.

No espaço anterior ficamos dois anos e foi nosso primeiro contato com uma sede, ficamos seis meses reformando o espaço e investimos bastante recursos financeiros nele. Os outros um ano e meio fizemos temporadas de quinta a domingo, pois este era nosso sonho quando locamos o mesmo, além de temporadas realizávamos oficinas e projeto escola vai ao teatro. O espaço era dividido por dois grupos, Circo do Mato e República Cênica<sup>18</sup> e ganhava o nome de Casa Teatro Circo, a maioria das despesas do local eram pagas pelos cabarés temáticos que

---

<sup>18</sup> Grupo de Artes Cênicas que atuou no estado entre 1996 a 2006, ganhou diversos prêmios em festivais estaduais, além de ser um dos primeiros a ganhar prêmios da FUNARTE, trabalhava com textos autorais.

fazíamos mensalmente, com o passar do tempo os cabarés mensais e as temporadas de quinta a domingo, que não nos dava retorno financeiro, começaram a nos consumir e o recurso dos cabarés, bancavam apenas as despesas do local e como não tínhamos outras fontes de renda, tivemos que devolver o espaço, para buscar um com despesas menores.

Então, agora, queríamos um espaço que funcionasse apenas como depósito, local para deixar o material, pois, na época, já tínhamos bastante coisas e guardar o material em casa já não era uma boa opção. Em 2006, fomos para este local atual e o República Cênica, mudou-se para Goiânia, no estado de Goiás.

Chegamos com a intenção de não modificar o lugar, mas como o trabalho artístico do Circo do Mato precisa de uma íntima relação com a sede, por desenvolvermos um trabalho com estética relacionada ao Circo, de modo que se fazem necessários aparatos circenses, bem como um espaço adequado para práticas, treinamentos e criação.

Com o passar do tempo estes aparatos e adaptações foram ganhando forma de acordo com as nossas necessidades técnicas, e surgiram as alterações, levantamento do teto para ganharmos mais 2 metros de altura para melhor prática das acrobacias aéreas, mezanino para escritório e material de produção, que com o tempo e com a ampliação do espaço se tornou uma videoteca e mesa de estudos, piso em madeira para melhor absolver os impactos e por fim a locação da casa ao lado para servir de escritório e depósito para cenários, adereços e figurinos.

Com o tempo voltamos a nos apresentar na sede, agora em novo espaço e, com isto, fomos aprimorando o local para receber os trabalhos com aparatos de luz, som, rotunda, cadeiras, a sede passa a ser utilizada, para reuniões de colegiados de teatro, circo, fórum municipal e estadual, intercâmbios e curtas temporadas com grupos convidados, além de oficinas diversas de qualificação em arte.

Mesmo com tantas ações, estratégias e persistência, na luta cotidiana em buscar sustentabilidade em arte ou na vontade dos artistas, que apenas desejam continuar trabalhando, deparamos-nos com a realidade apontada por Cida Falabella<sup>19</sup>, no “III Seminário Subtexto em Dialogo Teatro em MG: Educação &

---

<sup>19</sup> Cida Falabella é atriz, professor e diretora, Coordenadora da ZAP 18 – Zona de Arte da Periferia. Mestre Artes pela Escola de Belas Artes/UFMG.



Sustentabilidade”, que ocorreu em 2013, no Galpão Cine Horto em Belo Horizonte – MG.

Ela nos traz um levantamento alarmante e importante para a compreensão do significado de sustentabilidade, talvez, por ela ter um contato mais direto com a periferia das cidades estando à frente da “Zona de Arte da Periferia<sup>20</sup>” ( ZAP-18).

Segundo ela,

se parece que o teatro interessa a tão pouca gente, de que sustentabilidade podemos falar? Na discussão dos grupos, seja da capital ou do interior, presença forte no encontro, constava-se a **sustentabilidade como uma necessidade e esforço em manter vivo algo que a maior parte da sociedade ignora**, pensando a arte e o teatro como bem público. No século XXI, o teatro só é sustentável, tanto econômica, quanto artisticamente, **se seus fazedores combatem, literalmente, em três frentes que dialogam: colaborando entre si, criando redes de troca e criação compartilhada, nas quais a moeda é o trabalho e os ativos de cada coletivo**. (FALABELLA, 2013, p. 65)(grifo meu)

Partindo dos pensamentos acima, podemos notar que a maioria das práticas de sustentabilidade nas artes busca uma melhora do indivíduo, da humanidade, de uma continuidade, não exatamente da cultura, pois, como nos apontou Soledade (2013), a cultura se estabelece independentemente de recursos ou classe social, mas as ações artísticas não. Para que elas continuem sendo realizadas e cheguem à população, tanto as dos grandes centros, como as dos lugares mais longínquos, é necessário estratégia daqueles que lutam por um mesmo sonho, por um mesmo ideal, criando redes de conexão virtual e presencial, escambos entre grupos, artistas e linguagens, trocas de conhecimento, onde o valor a ser pago, pode ser o próprio produto artístico. Logo, a responsabilidade desta sustentabilidade é de todos, como nos mostra Arce Correa, ex-integrante do Circo do Mato:

*[...] Se pensarmos em bom uso e manutenção dos recursos naturais com princípio para a sustentabilidade, na arte, a discussão se dirige, não só aos objetos que a compõem, mas também aos seus fazedores, pensadores e apreciadores, até mesmo àqueles que dela fazem uso ou por ela são influenciados ainda que sem consciência disso.<sup>21</sup>*

---

<sup>20</sup> Espaço artístico e Cultural que além de montagens teatrais com textos próprios, se dedica a formação de atoras e educação de jovens através da arte.

<sup>21</sup> Entrevista concedida a mim por Arce Correa, ex- integrante do Circo do Mato, no dia 30 de Outubro 2015.

Buscando estabelecer melhor este diálogo e estas relações, que podem vir a se tornar uma relação de pertencimento e de identificação com o grupo, para depois fazer parte deste possível compartilhamento de sustentabilidade, o Circo do Mato, para aproximar o público da sede, criou os projetos “*Circo do Mato em Ação* e *Circo do Mato 10 anos em Ação*”. Tais projetos visavam a continuidade do fazer artístico, o crescimento e aperfeiçoamento de seus integrantes e o intercâmbio com outros grupos, esses projetos desenvolviam a manutenção e a ocupação da nossa sede.

Durante os doze meses de atividades dos dois projetos, foram realizados: duas mostras fotográficas, mostra de objetos cênicos do grupo; dois cursos de teatro e circo, com duração de seis meses cada; curtas temporadas dos espetáculos “O Palhaço no ½ da Rua”, “Os Corcundas”, “A Tenda das Adivinhações”, “Navalha na Carne” e “Um Pé de Circo”; intercâmbio com o Grupo *Clowns de Shakespeare*, de Natal – RN; dois cabarés temáticos; além das ações internas, pesquisas, estudos, aulas de canto, treinos e ensaios periódicos, que fortalecem o fazer artístico e aprimorar a qualidade do trabalho do grupo.

Estas ações desenvolvidas na sede do Circo do Mato tinham perspectivas similares às das ações desenvolvidas no espaço Galpão Cine Horto, como destaca Soraya Belusi<sup>22</sup> (2013, p. 130):

Gostaria de fazer um panorama desse período através daquilo que o próprio espaço se propôs a cumprir. A primeira delas e na qual vou me concentrar, segundo o site, é “**desenvolver, de forma continuada, ações de fomento, formação, pesquisa, criação, compartilhamento de conhecimento e difusão teatral**”. Ao longo desses 15 anos, o Cine Horto atuou de maneira ininterrupta. Poucos foram os projetos que, por falta ou de incentivo financeiro ou demanda, tenham sido abandonados ao longo do caminho (grifo meu).

Desenvolver ações artísticas de forma continuada, implica em ações que movem o artista, em seu trabalho, sempre buscando aprimoramento, conhecimento, diálogos com outras formas de fazer, formas de se comunicar, formas de ser compreendidos. Nesta busca constante, recriam, reinventam-se e seus espaços,

---

<sup>22</sup> Soraya Belusi é mestranda em Artes pela Universidade Federal de Minas Gerais, jornalista e crítica teatral. É editora do blog Horizonte da cena e desde 2002, atua como jornalista cultural em diversos veículos de informação do país.

suas sedes, servem para abrigar uma grande parte destes sonhos. Considero que estes fatores citados acima são princípios fundamentais do conceito de sustentabilidade.

Por exemplo, a sede do Grupo Galpão - MG, adquirida em 1989, tornou-se o local de treinos, ensaios, intercâmbios, exibição de processos e espetáculos, debates e oficinas, um local de encontros cotidianos e criativos, um local próprio para o trabalho e que atende às necessidades do grupo, como relata Eduardo Moreira<sup>23</sup>, ator e diretor do grupo, no vídeo documentário<sup>24</sup> de 23 anos do grupo, durante o processo de montagem de Romeu e Julieta:

*Sem a sede nós não conseguiríamos montar este trabalho que tem uma cenografia complexa, feita à partir de uma Veraneio e várias pinguelas de madeira, ter um local fixo para ensaios, sem ter que transportar montar e desmontar tudo a cada ensaio, nos dá liberdade de irmos para casa e voltar no outro dia e encontrar tudo como deixamos, podendo assim, parar uma cena hoje e retomar no dia seguinte de onde paramos, sem o desgaste de montar e desmontar tudo*

Usar estes espaços de formas consciente em prol do crescimento e da melhora do fazer artístico dos grupos, também esta relacionado ao financiamento, seja ele público ou privado, espelhando-se em experiências nos estados de São Paulo e Bahia e, também, no Distrito Federal, o Circo do Mato, em parceria com outros coletivos de teatro, propôs em 2012, por intermédio da setorial de teatro de Campo Grande, a inclusão da ação “Manutenção de Grupos e Espaços Cênicos”.

Esta ação consiste em pesquisa, mostras, oficinas, workshops, intercâmbios, temporadas, publicação e montagem de espetáculos teatrais, no edital de Fomento ao Teatro (FOMTEATRO), da prefeitura Municipal de Campo Grande. Até esta inclusão, foram três anos de muita discussão com as outras áreas artísticas e inclusive com a própria área, que não reconhecia a ação como uma forma de fortalecimento, qualificação e continuidade para o fazer teatral no município.

Todas estas ações podem ser realizadas sem aporte financeiro do poder público ou privado, mas isto seria mais difícil e já que temos como direito, através de leis, que foram conquistadas por nós, artistas, através de muita luta para que a

---

<sup>23</sup> Eduardo Moreira é ator e diretor de teatro, um dos fundadores do Grupo Galpão.

<sup>24</sup> Vídeo documentário, contemplado pelo programa Petrobrás cultural 2003, que narra a trajetória de 23 anos do grupo Galpão.

destinação de parte dos impostos arrecadados pelo município seja direcionada para a cultura. Assim, nada mais justo que nós classe artística indicarmos quais as formas de melhor aproveitamento para aplicação destes recursos.

Sobre verbas públicas para cultura, Aline Duenha nos aponta que

*[...] o problema em relação à verba pública é que ela é transitória e não é um meio de sustentação que garanta sua continuidade. Os editais são anuais e não são feitos para essa função, tendo que proporcionar diversas ações com uma verba que não corresponde ao que os interessados necessitam. Assim, acaba se tornando necessário que o grupo procure formas diversas de subsistência, já que as verbas públicas podem “sumir” de repente e se transformarem com as mudanças de gestores.<sup>25</sup>*

Um dos maiores problemas encontrados não só pelo Circo do Mato, mas por toda a classe artística no município de Campo Grande, nos últimos dois anos, é relacionado aos gestores públicos. Todas as conquistas que adquirimos nos últimos dez anos se perderam em dois. Os editais dos Fundos de Incentivo à Cultura, FEMIC e FOMTEATRO, que são uma conquista da classe.

No ano de 2014, teve todo processo de licitação, seleção e publicação dos selecionados no Diário Oficial de Campo Grande (DIOGRANDE) e não foram pagos. Os editais no ano de 2015 não foram publicados e, ainda, tem-se notícia que os recursos públicos dos dois anos sumiram, segundo fonte dos principais jornais do município.

O Grupo de Atuação Especial de Combate ao Crime Organizado (GAECO) entrou em ação, o prefeito atual, que havia assumido o cargo após um golpe político foi afastado e o ex-prefeito foi reconduzido ao cargo e, nestas duas trocas de gestores, todos os funcionários comissionados e, principalmente, os presidentes de fundações, como foi o caso da Fundação Municipal de Cultura (FUNDAC), foram trocados. Nos últimos dois anos, cinco pessoas assumiram o cargo de presidente da FUNDAC, isso gerou uma enorme instabilidade na pasta da Cultura do município.

Mesmo a classe estando organizada e lutando, ocupando a FUNDAC por dois dias e exigindo nossos direitos como artistas e cidadãos, as perdas foram imensuráveis, não apenas pelos recursos dos fundos, que deixaram de viabilizar novas montagens, circulações, oficinas de qualificação, projetos de manutenção,

---

<sup>25</sup> Trecho de entrevista concedida a mim por Aline Duenha no dia 30 de setembro 2015.

publicação, não somente nas Artes Cênicas, mas em todos os contextos de arte para cidade.

Além destas perdas, tivemos a perda de continuidade em ações de fruição de arte pela cidade, conquistas adquiridas há anos. Diversos artistas mudaram de cidade, espaços cênicos foram fechados, outros buscaram uma segunda profissão para sobreviver. Nós mesmos, do Circo do Mato, sentimos este impacto, nosso aluguel chegou a atrasar por dois meses e perdemos integrantes para outros campos do mercado de trabalho.

Essa luta da classe, que é infindável, com o poder público é fundamental para sustentabilidade das artes no país, como nos relatou Leonardo Hernandez, Subsecretário de Fomento da Secretaria de Cultura do Distrito Federal, em entrevista dada à revista “Encontro de Bastidores” da Cia Instrumento de Ver do Distrito Federal:

[...] Os artistas do Distrito Federal conseguiram, em 2008, aprovar uma emenda à Lei Orgânica do DF, que garantiu 0,3% da receita corrente líquida do orçamento anual do DF para compor os recursos destinados ao Fundo de Apoio à Cultura do DF. Essa emenda possibilitou ao fundo um salto de 4 milhões, em 2007, para 44 milhões em 2012 (HERNANDES, 2012, p. 35)

Logo, fica claro que é fundamental para o desenvolvimento da arte o incentivo financeiro. Mas esta luta em fazer o poder público compreender nossos direitos é muito morosa e desgastante, em muitos casos, nossas funções são distorcidas.

Temos que lutar, reivindicar, cobrar, resistir e persistir, afinal, isto também é uma ação de sustentabilidade. Mas não podemos nos esquecer dos nossos objetivos enquanto criadores de arte.

#### **4 – Conclusão**

A necessidade de compreender as práticas de sustentabilidade em artes, desenvolvidas pelo Circo do Mato, levou a realização deste estudo. Durante o desenvolvimento do trabalho fui percebendo que tais práticas são calcadas dentro da vida e do ciclo de vida dos grupos artísticos e, no caso, do grupo em questão.

Foi ficando cada vez mais claro que o conceito sustentabilidade refere-se a todos os fatores que sustentam um grupo artístico, isto é, as relações interpessoais, os processos criativos e o sustento econômico e material.

Em uma busca constante, o Circo do Mato recria-se, reinventa-se e seu espaço, sua sede, na forma como o grupo funciona, é encarada como mais um integrante do grupo e serve para abrigar uma grande parte dos sonhos. Considero que estes fatores citados acima são princípios fundamentais do conceito de sustentabilidade.

Segundo a constituição brasileira no artigo 215: “*O Estado garantirá o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará a valorização e a difusão das manifestações culturais*”. A lei é clara, mas sabemos que isto não ocorre desta forma. Para que isto ocorra é importante atuarmos como cidadãos no controle social, isto é, cobrando e exigindo nossos direitos. Mas também, não podemos ser reféns apenas deste modo de ação para que a arte chegue à população.

As ações que são bem sucedidas em um local, podem não dar certo em outros, não há um modelo prontos a seguir. Então, é importante estabelecer redes de trocas com outros artistas e grupos e criar ações partindo da realidade local, para que a arte chegue na base, pois o fato de grande parte da população brasileira não se interessar por arte está relacionado ao fato de a maioria da população ainda desconhecer, por não ter acesso.

O presente estudo leva-me a refletir sobre caminhos a serem tomados que garantam a sustentabilidade do Circo do Mato, não deixando de levar em conta todas as ações já realizadas para tal garantia. Percebo que as necessidades mudam de acordo com o tempo e que é necessário que continuemos criando, inventando e reinventando formas de sustentabilidade para garantir os processos de criação e formação para assim estabelecermos o nosso principal diálogo com a população: o espetáculo.

## **5 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

PEREIRA, Juliano. "A Sustentabilidade à partir da experiência da Cia. Teatral Manicômicos". In: **III Seminário Subtexto em Diálogo – Teatro em MG: Educação & Sustentabilidade**, Belo Horizonte, MG: Editora Fino Traço, 2013. P. 73 – 89.

SOLEDADE, Viviane. "A formação do público como uma forma de sustentabilidade na cultura". In: **III Seminário Subtexto em Diálogo – Teatro em MG: Educação & Sustentabilidade**, Belo Horizonte, MG: Editora Fino Traço, 2013. P. 27- 35.

FALABELLA, Cida. "A insustentável leveza do teatro". In: **III Seminário Subtexto em Diálogo – Teatro em MG: Educação & Sustentabilidade**, Belo Horizonte, MG: Editora Fino Traço, 2013. P. 59-66.

BRAZ, Jorge. "Essencialidade e sustento". In: **III Seminário Subtexto em Diálogo – Teatro em MG: Educação & Sustentabilidade**, Belo Horizonte, MG: Editora Fino Traço, 2013. P. 67-72.

FORTIN, Sylvie. "Contribuições possíveis da etnografia e da auto-etnografia para pesquisa na prática artística". In: **Cena: periódico do programa de pós graduação em artes cênicas da UFRGS**, 2009.

CARVALHO, Marília Pinto de. **No Coração da sala de aula: Gênero e trabalho docente nas séries iniciais**. São Paulo: Ed. Xamã, 1999.

CIA INSTRUMENTOS DE VER. **Encontro de bastidor: pelo projeto identidade do circo candango – Brasília**: Traços Aéreos, 2012.

## 6- Anexo



Espectáculo: "O Palhaço no ½ da Rua", Projeto: Uma Igreja Uma Praça e o Palhaço no ½ da Rua, Nova Andradina/MS, em cena: Aline Duenha, Mauro Guimarães e Yago Garcia - Foto Laila Pulchério 2012.



Espectáculo: "O Palhaço no ½ da Rua", Projeto: Circo do Mato na Terra do Pé de Cedro, Colônia São Ramão/Coxim- MS, em cena: Mauro Guimarães, Yago Garcia e Douglas Caetano - Foto Laila Pulchério 2014.





Espectáculo: "Os Corcundas", 8º Festival América do Sul, em Puerto Quijaro/Bolívia,  
Em cena: Mauro Guimarães e Aline Duenha - Foto Laila Pulchério/2011.



Espectáculo: "Os Corcundas", Teatro Prosa – SESC Horto, Campo Grande/MS,  
Em cena: Mauro Guimarães e Aline Duenha - Foto Larissa Pulchério/2012.



Exposição Fotográfica, Adereços e Figurinos no Projeto: Circo do Mato 10 Anos em Ação,  
Sede do grupo, Campo Grande/MS, Foto: Mauro Guimarães/ 2014



Peça "Navalha na Carne", no Projeto: Circo do Mato 10 Anos em Ação, sede do grupo, Campo Grande/ MS,  
Em cena: Yago Garcia, Josiane Vargas e Mauro Guimarães – Foto: Laila Pulchério/ 2014.



Bota fora do Cabaré do Bendito Maldito, Projeto: Circo do Mato 10 Anos em Ação, Sede do grupo, Campo Grande/MS – Foto: Laila Pulchério 2014.



Espectáculo "O Palhaço no ½ da Rua" pelo Projeto: Circo do Mato na Terra do Pé de Cedro, em dia de chuva no Vale do Taquari/Coxim-MS, em cena Mauro Guimarães, Foto: Laila Pulchério/ 2014.



Espectáculo "Um Pé de Circo" pelo Projeto: Tem Um Pé de Circo no Pantanal, Anastácio/MS, em cena: Murillo Atalaia, Yago Garcia e Douglas Caetano, Foto: Laila Pulchério/ 2014.



Espectáculo "Um Pé de Circo" pelo Projeto: Entorno do Centro, Corguinho/MS, em cena: Douglas Caetano, José Roberto, Murillo Atalaia, Yago Garcia, Yasmin Fôres e Leonardo de Castro, Foto: Laila Pulchério/ 2014.



Exposição Fotográfica no Projeto: Circo do Mato em Ação,  
Sede do grupo, Campo Grande/MS, Foto: Laila Pulchério/ 2013.



Bota fora do Cabaré dos Enamorados, Projeto: Ponto de Cultura do Circo do Mato,  
Sede do grupo, Campo Grande-MS, em cena alunos do Ponto de Cultura, Foto: Laila Pulchério/ 2013.



Cabaré de Palhaços, Projeto: IV PANTALHAÇOS, sede do Circo do Mato, Campo Grande-MS, Foto: Laila Pulchério/2013.



Montagem do espetáculo "Encruzilhada O Último Cabaré", 7º Festival América do Sul, Corumbá/MS, Foto: Laila Pulchério/2010.



Espectáculo: "Os Corcundas", Rio Negro/Colômbia,  
Intervenção com Mauro Guimarães – Foto: Laila Pulchério/2012.



Espectáculo: "Os Corcundas", Teatro de Arena da Orla Morena – Projeto IV Pantalhaços, Campo Grande/MS,  
Em cena: Mauro Guimarães – Foto: Larissa Pulchério/2012.



VIII Encontro da Rede Brasileira de Teatro de Rua e do Mercosul, sede do Circo do Mato, Campo Grande/MS, Foto: Laila Pulchério/2010.



Montagem do espetáculo: "Encruzilhada O Último Cabaré", sede do grupo Campo Grande/MS, em cena: Luciana Kreutzer, Mauro Guimarães, Aline Duenha, Arce Correia e Yago Garcia – Foto: Laila Pulchério/2009.





Espectáculo: "O Palhaço no ½ da Rua", Festival de Teatro Don Eloy - Bogotá/Colômbia, em cena: Aline Duenha e Arce Correia – Foto: Laila Pulchério/2009.



Espectáculo: "Encruzilhada O Último Cabaré", Teatro Prosa – SESC Horto, Campo Grande/MS, em cena: Arce Correia, Luciana Kreutzer, Mauro Guimarães, Aline Duenha e Yago Garcia – Foto: Laila Pulchério/2009.



Espectáculo: "Encruzilhada O Último Cabaré", Teatro Prosa – SESC Horto, Campo Grande/MS, em cena: Arce Correia, Mauro Guimarães, Luciana Kreutzer, Yago Garcia e Aline Duenha – Foto: Larissa Pulchério/2010.



Espectáculo: "Encruzilhada O Último Cabaré", Festival Isnard de Azevedo - Teatro Paulo Gracindo, Florianópolis/SC, em cena: Arce Correia, Luciana Kreutzer, Mauro Guimarães, Aline Duenha e Yago Garcia – Foto: Laila Pulchério/2010.



VIII FITECA – Fiesta Internacional de Teatro en Calles Abiertas, Comas/Lima/PE, Participação com espetáculo "O Palhaço no ½ da Rua", Foto: Laila Pulchério/2008.



©Laila Pulchério

Pesquisa para montagem da peça "Navalha na Carne", sede do Circo do Mato Campo Grande/MS, Wagner Corsino, Mauro Guimarães, Leandro Melo, Cecília, Luciana de Bem, Aline Duenha e Yago Garcia - Foto: Laila Pulchério/2013.



©Laila Pulchério

Processo de montagem da peça "Navalha na Carne", sede do Circo do Mato Campo Grande/MS, Yago Garcia, Luciana de Bem e Mauro Guimarães - Foto: Laila Pulchério/2013.

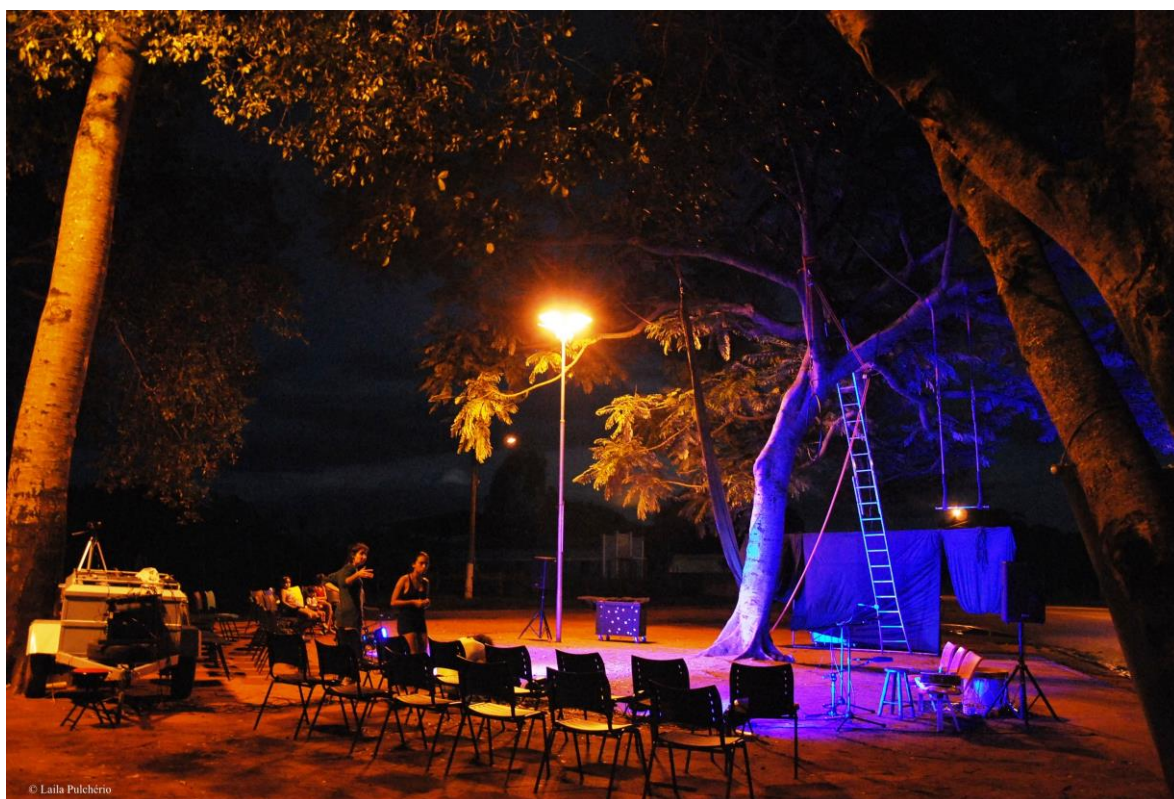


©Laila Pulchério

Pesquisa para montagem da peça "Navalha na Carne", sede do Circo do Mato Campo Grande/MS, Leandro Melo, Lu de Bem, Aline Duenha, Cecília, Yago Garcia e Mauro Guimarães - Foto: Laila Pulchério/2013.



Espectáculo "Um Pé de Circo" pelo Projeto: Entorno do Centro, Distrito de Rochedinho/MS, camarim improvisado e montagem ao fundo, Foto: Laila Pulchério/ 2015.



Montagem do espetáculo "Um Pé de Circo" pelo Projeto: Entorno do Centro, Distrito de Rochedinho/MS, Foto: Laila Pulchério/ 2015.



Espectáculo: "Os Corcundas", Teatro Aracy Balabanian, Campo Grande/MS,  
em cena: Mauro Guimarães e Aline Duenha - Foto Laila Pulchério/2012



Espectáculo "O Palhaço no ½ da Rua" no "MS EM CENA - 5ª REPRESENTAÇÃO", Três Lagoas/MS,  
em cena: Yago Garcia e Mauro Guimarães- Foto Laila Pulchério/ 2011



Espectáculo "Um Pé de Circo" pelo Projeto: Ponto de Cultura Circo do Mato, Campo Grande /MS,  
Em cena: Nicoli Dichoff, Douglas Caetano, Yasmin Fróes, Tatiane Miranda, Luciana de Bem, Daynara Loubet,  
Kamilla Golin e Leonardo de Castro, Foto: Laila Pulchério/ 2013.



Espectáculo "O Circo do Pé de Árvore" no 3º Festival América do Sul, Ladário /MS,  
Em cena: Frank Salomão, Junior de Oliveira e Douglas Moreira, Foto: Laila Pulchério/ 2006.